

DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA EM SEMÂNTICA DESCRITIVA

Por Uriel WEINREICH*
Tradução de Maria Cecília P. Barbosa LIMA**

RESUMO: O autor analisa os vários aspectos do ato de definir uma palavra para um dicionário e os tipos de critério a serem adotados. Uma questão de relevância é a do tipo de metalingua que se deve adotar na redação de um dicionário e a metodologia empregada para definir o "definiendum", podendo-se empregar várias estratégias: o método analítico, o método sintético, o método denotativo, o método ostensivo ou de mostração, o método implicativo, ou contextual. O método escolhido dependerá da natureza do termo a ser definido: um referente concreto, uma noção abstrata, uma ação ou processo verbal, um instrumento gramatical etc. A sinonímia e a antonímia amplamente usadas nas definições têm também grande importância lexicográfica. O lexicógrafo, ou a equipe de dicionaristas que trabalham na confecção de um dicionário, nunca se deve esquecer que as suas definições devem valer para toda a comunidade lingüística a que ele se destina e assim usarem a linguagem comum a todos e não o(s) seu(s) idioleto(s) particular(es).

UNITERMOS: Descrição semântica; lexicografia; dicionário monolingüe; thesaurus; significado; definição; sinônimo; denota; definição ostensiva; definição lexicográfica; metalingua.

1. DESCRIÇÃO SEMÂNTICA E LEXICOGRAFIA

1.1. Os falantes de uma língua sentem intuitivamente uma relação entre certos pares ou conjuntos de palavras, que não se deve a nenhuma similaridade fonológica ou gramatical clara. Como falantes do inglês, podemos afirmar, sem muita hesitação, que em cada um dos seguintes grupos de três palavras, duas se relacionam mais estreitamente que a terceira: *up, high, small; open, eat, close; end, after, grass* [para cima, alto, pequeno; abrir, comer, fechar; fim, depois, grama]. Poderíamos, com toda probabilidade, chegar a um consenso quanto ao modo de completar uma proporção como: *son: daughter:: brother: _____* [filho: filha:: irmão: —]. Presume-se também que concordariamos a respeito da ambigüidade de expressões como *She couldn't bear children* ou *(Was the weather bad or good?) It was fair.**** Fornecer um relato explícito de tais intuições é um bom modo de começar o estudo da semântica descritiva.

1.2. A descrição semântica de uma língua consiste na formulação, em termos apropriados, dos significados que as formas dessa língua têm, de acordo com o grau de interpessoalidade desses significados (cf. sec. 3). As formas cujos significados devem ser

* Pertenceu ao Departamento de Lingüística da Universidade de Columbia, foi Diretor da Language and Culture Atlas of Ashkenazic Jewry e Editor do The Field of Yiddish.

** Departamento de Letras Modernas — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araquara — SP.

*** N. do T. As interpretações possíveis seriam: 1.ª) a) Ela não podia suportar crianças. b) Ela não podia ter filhos. 2.ª) a) O tempo estava ruim ou bom? Estava bom. b) O tempo estava ruim ou bom? Estava mais ou menos.

descritos são de muitas espécies: usualmente são morfemas, freqüentemente, conjuntos de morfemas em construção, e, ocasionalmente, componentes submorfêmicos; mas podem também ser contornos prosódicos, classes de morfemas, classes de construção e processos gramaticais, caso sua seleção não seja automática.

Quando formas de uma língua são gramaticalmente combinadas, seus significados, como bem se sabe, interagem. As formas de tal interação semântica parecem ser, em larga escala, universais; caso, porém, haja uma ou outra específica de uma determinada língua (por ex., aquelas que dependam de formas gramaticalmente diferenciadas de predicação), também estas devem ser incluídas na descrição semântica de tal língua.

1.3. Não há procedimentos de descoberta conhecidos para descrições semânticas corretas. O melhor que se pode esperar é um teste de adequação que nos capacite a escolher entre descrições alternativas. Idealmente, uma descrição é adequada quando nos fornece meios claros para aproximarmos as intuições que os falantes nativos têm sobre as relações semânticas de palavras na sua língua. Vale dizer, exigimos que os significados claramente formulados de termos como *open*, *eat*, *close** — e não nossa intuição como falantes do inglês — nos permitam dizer que *close* é mais semelhante a *open* que a *eat* e assim realizar operações metalingüísticas dessa natureza. Além disso, as descrições semânticas deveriam ser tão completas quanto possível; deveriam ser consistentes; deveriam também ser simples e elegantes, embora os critérios de simplicidade sejam (como em outros campos) obscuros, pelo que se deve certamente cuidar para não sacrificar a consistência à elegância — um sacrifício que é o mal de muitos dicionários existentes.

1.4. A descrição semântica de termos isolados (em contextos apropriados) é o domínio costumeiro da lexicografia. O estudo de padrões recorrentes de relacionamento semântico e de quaisquer expedientes (fonológicos ou gramaticais) pelos quais os padrões possam se representados é, às vezes, chamado de “lexicologia”. Além de problemas descritivos, a lexicologia pode tratar de questões históricas e comparativas.

O produto do trabalho do lexicógrafo aparece de vários modos: dicionários monolíngües e plurilíngües, dicionários de sinônimos, “thesauri”, dicionários enciclopédicos, estudos de campos de palavras e similares. Há também outras abordagens à descrição semântica — testes de associação, testes semântico-diferenciais, contagens de freqüência — em que métodos experimentais e quantitativos têm papel relevante. Um esquema completo para a descrição semântica proporcionaria a integração dessas abordagens variadas. Este artigo, entretanto, se restringe à abordagem lexicográfica, à exceção do cap. 3, que discute um uso mais completo de procedimentos experimentais, até mesmo na lexicografia propriamente dita.

1.5. Falamos de “abordagem” lexicográfica e não de “método”, porque a própria lexicografia usa muitos métodos mas nenhum deles foi completamente explicado. A indiferença que a lexicografia demonstra para com sua própria metodologia é espantosa. Talvez os lexicógrafos sejam complacentes porque seu produto “funciona”. Mas é legítimo perguntar de que modo ele funciona, a não ser pelo fato de que os dicionários vendem bem. O fato de que na nossa cultura particular há grande demanda de dicionários monolíngües de definições, que incluem definições de palavras tão comuns que ninguém possivelmente iria procurá-las, é, por si mesmo, um interessante dado etnográfico. (Em que outro lugar professores secundários da língua materna se esforçam

* N. do T. *abrir, comer, fechar.*

por inculcar em seus alunos o “hábito do dicionário”?) Mas esse fato não é substituto para a investigação metodológica. A literatura existente está longe de ser satisfatória. Este trabalho se preocupa com algumas questões metodológicas em lexicografia sobre as quais os lexicógrafos têm, surpreendentemente, silenciado.

1.6. As reflexões puramente teóricas sobre a descrição semântica deveriam ser suplementadas por uma análise comparativa de dicionários existentes. O campo inglês exerce especial atrativo, uma vez que há tantos dicionários monolíngües concorrentes para se comparar. Deve-se, porém, ter em mente que mesmo os dicionários concorrentes se copiam uns aos outros. No concernente a considerações teóricas, estamos, infelizmente, adstritos às indicações, na maioria das vezes, de uma única tradição lexicográfica, não só nos países de língua inglesa, mas em todo o mundo ocidental. Isso torna difícil distinguir entre similaridades de estrutura semântica em duas línguas e similaridades em convenções lexicográficas. Quão estimulante seria ter como indicações os produtos de uma lexicografia popular em uma sociedade não ocidentalizada!

1.6. Não é só a amostragem de tradições lexicográficas que é pequena, mas as línguas européias mais importantes, assim como seus dicionários, são provavelmente bem atípicos. O crescimento explosivo da quase internacional linguagem especializada da ciência, o prestígio e a difusão do conhecimento científico na sociedade, e a manutenção de acesso a períodos iniciais da língua através do cultivo da literatura, tudo isso fez com que não só os dicionários das línguas ocidentais mais importantes se tornassem maiores, mas também com que essas próprias línguas, como objetos de descrição semântica, se tornassem, também, de certo modo, maiores.

A hipertrofia de uma língua como o inglês pode ser caracterizada de vários modos. Um deles é o simples tamanho de seus dicionários, ou o fato de que seus dicionários estão atravancados de palavras rotuladas de *Arc.*, *Obs.*, *Rare*, *Zool.*, *Astron.**, e assim por diante. Um modo menos óbvio fica ilustrado pela seguinte experiência: apresentou-se a um grupo de estudantes formados este conjunto de oito sinônimos: *crabby*, *gloomy*, *glum*, *morose*, *saturnine*, *sulky*, *sullen*, *surly*** . Todos disseram que “conheciam” as palavras e que não havia nenhum par delas com significado perfeitamente idêntico. Foram então apresentadas a eles as definições correspondentes encontradas no *Merriam Webster New Collegiate Dictionary* com o pedido de que juntassem cada definição ao termo definido. Os resultados foram medíocres.

1.6. Podemos chegar a algumas sugestões recomendáveis para a reforma da lexicografia, mas a tarefa de descrever novamente uma língua como o inglês na proporção da edição não-simplificada do *Webster New International Dictionary* seria tão desorientadora que desencorajaria qualquer empreendimento decisivo. Entretanto, talvez seja justificado pensar-se naquela parte do vocabulário inglês (ou francês, ou russo etc.) que se encontra nos níveis de maior frequência (por ex., as 1.000 ou 10.000 palavras mais frequentes), como sendo análoga ao vocabulário total de uma língua menos hipertrofiada. Com tal redução, a descrição semântica do inglês seria mais semelhante à descrição semântica da maioria das línguas do mundo. (Ver também sec. 2.6.)

1.7. A lexicografia monolíngüe, como qualquer outra abordagem da descrição semântica, pressupõe uma teoria específica do significado. Dentre as diversas variedades

* N. do T. O mesmo pode ser dito dos dicionários de língua portuguesa. Um dicionário de uso contemporâneo da língua como o *Novo Aurélio* está também hipertrofiado com termos já caídos em desuso, ou em vias de desaparecimento, assim como numerosos tecnicismos e regionalismos.

** Todas essas palavras têm um núcleo de significação comum correspondente aproximadamente a sombrio, triste, mal humorado.

de teorias semânticas, os dicionários de definição parecem basear-se num modelo que supõe a distinção entre o significado propriamente dito (“significação”, “compreensão”, “intenção”, em várias terminologias) e as coisas significadas por qualquer signo (“denotação”, “referência”, “extensão” etc.). Essa dicotomia, que é de origem medieval pelo menos, foi discutida na lingüística do século XIX sob o título de “forma interior” e na lingüística (pós) saussuriana, relacionada a substância do conteúdo vs forma de conteúdo (“valeur”,* etc.); aparece em filosofia moderna sob várias roupagens, como, por exemplo, nos trabalhos de J. S. Mill, Frege, Peirce, Morris, como também nos de Carnap e Quine, que estudaram a possibilidade de eliminar tal distinção. Várias teorias semânticas alternativas, por outro lado, parecem ter sido excluídas como bases da lexicografia. Por exemplo:

a. O “significado lingüístico” de um termo é a probabilidade de que ele ocorrerá, calculada a partir do contexto de outras formas do mesmo discurso.

A lexicografia convencional não está interessada em nenhum “significado lingüístico” separado do “significado cultural”. Do ponto de vista de um dicionário, a probabilidade de ocorrência de um termo, se é que se pode calculá-la, mede, quando muito, sua banalidade ou sua falta de sentido. Não seria suficiente analisar o discurso como sinais alternantes de banalidade.

b. Significados como estados psíquicos são inacessíveis à observação, e a semântica descritiva deve esperar até que maiores progressos na neurologia os torne acessíveis.

Esse “reducionismo” messiânico, característico, por exemplo, de Bloomfield, é teoricamente estranho à descrição lexicográfica. Com efeito, mesmo que tivéssemos especificações neurológicas, digamos, das emoções, a descrição semântica de termos relativos à emoção poderia ser continuada independentemente, do mesmo modo que a descrição semântica de termos de cores pode ser altamente independente da já conhecida psicofísica da visão.

c. O significado de um termo é o seu uso na língua.

Esse slogan da filosofia lingüística britânica pode oferecer uma saída para certos impasses lexicográficos em relação à polissemia, mas, como teoria geral, exigiria que renunciássemos aos dicionários e nos satisfizéssemos, no máximo, com concordâncias.

Deve-se mencionar uma quarta teoria do significado que é complementar à da lexicografia convencional (pelo menos quando aparece em suas formas menos agressivas). Essa é a teoria do poder emotivo das palavras, particularmente da capacidade que um termo tem de “evocar” outros termos por meio de um salto através de suas estruturas semânticas interiores. Alguns dicionários reconhecem informalmente essa possibilidade quando rotulam certas palavras de “depreciativo”, “afetivo” etc., mas o uso que se faz disso é casual. Já que os psicólogos demonstraram a existência de impressionantes normas interpessoais de força emotiva de muitas palavras, essas descobertas podem merecer uma inclusão sistemática em descrições amadurecidas de línguas.

1.8 O propósito da discussão que se segue é duplo: explicar e criticar o que os lexicógrafos fazem quando definem palavras.

Passamos agora à análise crítica de definição lexicográfica como um expediente do arsenal da semântica descritiva.

* Em francês no original.

2. DEFINIÇÃO

2.1. *Estrutura de Definições.* Para se fazer uma reconstrução racional daquilo que um dicionário faz, seria útil conceber-se o significado de um termo como o conjunto de condições que devem ser preenchidas para que o termo seja denotativo. Nessa perspectiva, uma formulação do significado requer uma lista dessas condições necessárias à conotação.

Uma objeção óbvia a dicionários é que as condições em tal “conjunto” não são necessariamente discretas, e que qualquer análise é, portanto, muito artificial. É o clássico problema gestáltico. Uma língua natural, por ser articulada, não é uma metalíngua adequada para a análise de suas gestaltes semânticas, e nenhuma metalíngua mais adequada foi estabelecida. (Compare-se nossa eficiência em reconhecer rostos com nossa incapacidade de descrevê-los com palavras). Mas não precisamos restringir a lexicografia, exigindo que uma definição seja a reprodução perfeita de um significado, ou que o “definiendum” seja distinguível, do “definiens” por mera inspeção. Muito menos podemos esperar da lexicografia de uma língua natural que o “definiendum” seja literalmente substituível pelo “definiens” num discurso normal. O que estamos autorizados talvez a exigir de uma lexicografia racionalizada é que a codificação da gestalt do sentido no código descontínuo da metalíngua definidora seja realizada sob certas restrições de forma e que a definição resultante seja aceitável para leigos que sejam representativos da língua e que tenham condições de entender as restrições formais que a governam.

A consistência da lexicografia poderia ser melhorada se os autores de dicionários se ativessem ao pressuposto de que os termos de uma língua são, em geral, complementares. (Ver também sec. 2.5) Essa pressuposição sugere que o caso mais importante para se tratar em descrição semântica é aquele em que a significação de um termo acaba onde a de outro se inicia. Em geral, a descrição semântica deveria ter como objetivo não definições “absolutas”, mas definições que separem o significado de um termo daquele de outros termos de significados semelhantes (sinônimos). A circularidade que daí resulta deveria ser admitida francamente, não como um vício, mas como um princípio diretor da lexicografia.

O agrupamento de sinônimos numa seqüência resulta num “thesaurus” como o de Roget. Sem dúvida, aspectos significantes da estrutura do vocabulário podem ser estudados com base num único “thesaurus”, do mesmo modo que traços de uma área geográfica podem ser estudados mesmo num mapa sem indicações. Por exemplo, a lista de palavras num “thesaurus” pode ser interpretada como uma série de projeções (mapeamentos) unidimensionais da estrutura semântica multidimensional do vocabulário. As dimensões do vocabulário poderiam ser então estudadas em termos de intersecções de linhas de sinônimos (= referências remissivas entre parágrafos do “thesaurus”). Essa lexicografia perfeitamente “formal” seria provavelmente tão insatisfatória quanto uma fonologia completamente formal, que não se refira à substância fônica. Ao contrário de um mapa normal, que é a projeção bidimensional de um espaço tridimensional, o “thesaurus” enquanto descrição semântica mapeia um espaço de muitas dimensões (na realidade, num número desconhecido de dimensões). No caso de mapas comuns, entendemos perfeitamente seu mecanismo semiótico e podemos torná-los tão precisos e unívocos quanto queiramos. No caso de uma língua como um mapa, não temos conhecimento a priori do espaço-objeto, da “escala” elástica do mapa, ou de algumas outras propriedades da representação. É, pois, importante, se quisermos ir longe, “orientar” a descrição para sua substância semântica. Do contrário, podemos

aprender que *verde* fica entre *azul* e *amarelo*, assim como *escarlata* está entre *vermelho* e *azul*, sem saber se *verde* e *escarlata* cobrem segmentos iguais ou desiguais do espectro solar. Para determinar isso, teríamos que orientar a linha lingüística de sinônimos para o aspecto físico.

Indicar as direções de um mapa corresponde, em descrição semântica, à demonstração de alguns “denotata”. Isso também é conhecido como “definição ostensiva”. Para ser eficiente, uma definição ostensiva deve produzir não só exemplos positivos de “denotata” de um termo, mas também contra-exemplos negativos (= exemplos positivos de “denotata” de um termo sinônimo). Assim, uma única amostra de vermelho não dá uma definição ostensiva suficiente de *vermelho*; os limites do significado devem ser estabelecidos mostrando-se várias espécies de vermelho e também amostras do que é semelhante ao vermelho, mas não é vermelho (por ex. laranja, rosa, preto avermelhado). Os “denotata” devem ser apresentados fisicamente ou então por meio de nomes; assim, uma série de amostras coloridas ou os termos *vermelho*, *azul*, *amarelo* etc. constituem duas variedades de definição ostensiva de *cor*.

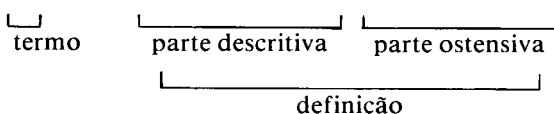
Com base na análise acima, podemos construir uma forma canônica de definição lexicográfica. Seja X o termo de uma língua cujo significado deve ser descrito e sejam X', X'' etc, sinônimos de X (isto é, termos semelhantes, mas não necessariamente idênticos em significado); sejam c₁, c₂ etc., condições que devem ser preenchidas quando se quer que X denote; e sejam d₁, d₂ etc. amostras de “denotata”.

Uma definição lexicográfica tem então a seguinte forma:

X denota se c₁ e c₂ e ...c_n; por exemplo, d₁ ou d₂ ou ...d_n.

X' denota se c'₁ e c'₂ e ...c'_n; por exemplo, d'₁ ou d'₂ ou ...d'_n.

•
•
•



A forma clássica de definição “per genus et differentias” pode ser transformada em forma canônica; ver sec. 2.64.

Podemos agora apreciar algumas propriedades de definições lexicográficas (sec. 2.2.-2.4 e 2.7) e de sistemas de definições (sec 2.5 e 2.6).

2.2. *Especificidade de Definições.* De duas definições, será mais específica a que apresentar um número maior de condições. Consideremos o seguinte par esquemático:

X denota se c₁ e c₂

X denota se c₁ e c₂ e c₃

Podemos dizer que a última definição é a mais específica. Mas só faz sentido comparar a especificidade de definições se elas compartilham as mesmas condições, como o par acima compartilha c₁ e c₂. Esta outra definição, por exemplo:

Y denota se c₄ e c₅ e c₆ e c₇, não é comparável ao par anterior quanto à especificidade.

Os dicionários modernos parecem ser, em geral, cuidadosos em tornar suas definições adequadamente específicas. Definições do tipo exemplificado por:¹

VERST 'a Russian measure of length'
['medida russa de comprimento']

são evitadas por serem insuficientemente específicas, desde que não diferenciam VERST de outras medidas russas de comprimento.

Por outro lado, uma definição como:

TRIANGLE 'a figure that has three sides and three angles, the sum of which is 180°'
[TRIÂNGULO 'figura que tem três lados e três ângulos cuja soma é 180°']

é evitada por ser demasiadamente específica, desde que TRIÂNGULO é suficientemente definido pelo número de lados. Definições excessivamente específicas podem ser chamadas de enciclopédicas.

Um exame dos dicionários Merriam-Webster mostra que houve muito cuidado no controle da especificidade das definições, mas definições científicas especializadas (precedidas de rótulos como Bot., Zool. etc.) são, freqüentemente, enciclopédicas. Com referência a nomes de plantas e animais, definições enciclopédicas ocorrem mesmo sem qualquer rótulo, como por exemplo:

CARROT 'a biennial plant' (*Daucus carota sativa*) with a usually orange-colored, spindle-shaped 'edible root...'

[CENOURA 'planta bienal (*Daucus carota sativa*) com raiz comestível de forma alongada, de cor geralmente alaranjada...']

Aqui, 'biennial' pode bem ser demasiadamente específica para uso leigo (de não-botânicos) do inglês.

Se dois termos têm definições de especificidade adequada mas diferentes, embora comparável, pode-se dizer que os significados dos termos são de especificidade diferente. 2.3 *Crêterios das Condições*. Uma condição para a denotação pode ser considerada como dotada de critério se, uma vez não preenchida, nossos informantes se recusarem a aplicar o termo em questão. Assim, se uma suposta cadeira mostrasse evidência de não ter sido feita para que se possa sentar nela (por ex., só duas pernas, ou pernas de papelão), os informantes poderiam não querer chamá-la de CADEIRA, e concluiríamos que "ter sido feita para que se possa sentar nela" é uma condição de critério para esse termo. Em línguas naturais, os significados freqüentemente incluem condições que não são tão definitivamente baseadas num critério.

Os dicionários indicam informalmente o caráter duvidoso dos critérios por meio de marcadores especiais. Em dicionários da língua inglesa a palavra "specially" [especialmente] precedendo a afirmação de uma condição indica que o que se segue é menos baseado num critério que o resto; "usually" [geralmente] parece indicar um grau ainda mais baixo de critério. Alguns dicionários usam "loosely" [não exatamente] para indicar partes não baseadas em critério de definições ostensivas, como por exemplo:

COLOR'... a particular hue... including loosely black, white...'

[COR'... um tom específico... incluindo indistintamente preto, branco...']

Mais tais marcadores não ocorrem somente no jargão do lexicógrafo. As línguas comuns parecem conter termos para fins relacionados, como por exemplo, o inglês TRUE, como em *a true patriot* (= "tomar as condições de patriotismo criteriosamente").

Na prática, os lexicógrafos determinam o grau dos critérios por meio de introspecção individual, ou por “introspecção coletiva” (o compilador verifica os rascunhos das definições fornecidas pelos elementos da equipe); no caso de termos científicos, eles chegam mesmo a consultar especialistas. Mas se a lexicografia deve ser descritiva, todos os casos duvidosos e interessantes de critérios deveriam ser verificados pelo exame de uma amostra de usuários da língua (cf. sec. 3).

2.4. *Natureza das condições.* Os significados diferem no que diz respeito à natureza das “operações” exigidas para que se certifique de que as condições para a denotação são preenchidas. Infelizmente, a lexicografia parece inclinada a suprir esse fato pela elegância fácil e uniformidade espúria do seu estilo de definição.

As “operações” vão desde a inspeção imediata por meio dos órgãos dos sentidos até procedimentos experimentais ou dedutivos mais complexos. Supondo que CARROT [CENOURA] seja adequadamente definida como ‘edible, tapering, orange-colored root’ [“raiz comestível alongada, de cor alaranjada”], sua forma alongada e coloração alaranjada são imediatamente aparentes ao sentido da visão; sua edibilidade talvez exigisse operações mais complexas (com certos riscos para os dentes e o estômago das pessoas, o que tornaria preferível dispensar a edibilidade como sendo elemento não baseado em critério, nesse caso). As significações podem ser classificadas de acordo com o órgão do sentido posto em ação em suas várias condições, mas há certamente significados que não recorrem a nenhuma evidência sensorial, ou, se o fazem, será a uma evidência sensorial misturada com outras espécies de evidência, como por ex., EARLY [CEDO] ou WONDER (... to query in the mind) [‘... procurar na mente...’].


Classificar, com base fenomenológica, um vocabulário é uma tarefa absorvente e viável, desde que se tenha um corpus de definições adequadas. O primeiro passo em tal investigação seria escolher um corpus de definições adequadas num dicionário convencional, no qual espaços interessantes e significativos entre porções do vocabulário são preenchidos com palavreado elegante.

Muitos dicionários preferem formular condições sob a forma de experimentos dos físicos, pelo menos como um paralelo às operações de um leigo. Poucos, porém, são consistentes. Desse modo, o *Concise Oxford* define BLUE [AZUL] só ostensivamente, ao passo que COLOR [COR] é definida por procedimentos psicofísicos. Vale a pena ponderar sobre se não se deveria permitir aos falantes de uma língua sugerirem o tipo adequado de condições para os significados dos vários termos de sua língua. Reconhecidamente, na nossa sociedade, as condições sugeridas por leigos se pareceriam, frequentemente, com experimentos físicos, como no caso de EDIBLE [COMESTÍVEL] e OUT-OF-ORDER [ESTRAGADO], termo esse que envolveria como condição ‘não fazer o que deveria fazer quando conectado a um circuito elétrico e depois ligado’. Mas haveria esperança de se evitar a irrelevância óbvia de informação especializada de ótica ao se definir, digamos, AZUL.

2.5. *Continuidade do Sistema de Definição.* A cobertura semântica do mundo por uma língua seria estritamente contínua se, para cada termo X definido como ‘ c_1 e c_2 e ... c_n ’, houvesse nessa língua um sinônimo X’ adequadamente definido como ‘ c'_1 e c'_2 e ... c'_n ’ (isto é, mudando-se uma das condições).² É, no entanto, verdade que uma língua não é semanticamente contínua em todos os níveis de seu vocabulário. Por exemplo, mesmo que a forma alongada de uma cenoura pareça ser uma condição baseada no critério de definição da palavra inglesa CARROT [CENOURA], não parece haver nenhu-

ma palavra inglesa que designe um legume em tudo semelhante a uma cenoura exceto no fato de ser de forma esférica.

Seria difícil encontrar um tópico mais crucial da lexicografia do que a comparação de continuidades e discontinuidades semânticas das línguas. De fato, enquanto algumas discontinuidades, como entre termos para espécies biológicas discretas, parecem ser (muito, mas não totalmente) determinadas pela natureza, muitas outras são específicas de uma língua-e-cultura.

Tem-se descrito uma discontinuidade como um caso em que, se alteramos uma definição mudando alguma c_1 para c'_1 , não há nenhum termo na língua que seja definido pela definição alterada. Isso dá importância ao modo detalhado pelo qual as descrições são formuladas. Considere-se a seguinte definição: X ' c_1 e c_2 e c_3 e c_4 '. Suponhamos que mudando-se c_1 para c'_1 não se produza nenhum termo definível na língua, mas mudando-se c_1 para c'_1 e, ao mesmo tempo, mudando-se c_2 para c'_2 se produza uma definição de um termo existente, X'. Em tal caso, embora por demais esquematizado, considerações intralingüísticas ad hoc sugerem que ' c_1 e c_2 ' deveriam ter sido tomadas como uma única condição. Por exemplo, supondo que BÉET [BETERRABA] seja como CARROT [CENOURA], com exceção do fato de que é vermelha (e não laranja) e tem a forma  (e não alongada), e supondo-se que não haja raízes comestíveis "intermediárias", não deveriam cor-e-forma ser consideradas como uma única condição? Nesse fácil exemplo, a objeção pode ser refutada pelo argumento de que há não só uma razão extralingüística para que se tratem cor e forma separadamente, mas também uma boa razão lingüística, dados os vocabulários distintos em inglês para forma e cor. Em outros casos, porém, especialmente onde o atrativo das condições se exerce não sobre os sentidos, sua diferenciação pode causar problemas e ter que ser resolvida levando-se em conta a congruência do padrão (um problema não estranho aos lingüistas de fonologia e da gramática).

Outro corolário diz respeito à escolha de uma metalingua de definição. Os dicionários de definição mais ambiciosos têm sido provavelmente os monolíngües, i.e., a metalingua na qual as condições para denotação são formuladas (e, se apropriada, na qual são nomeados os exemplos) tem sido a mesma que a língua objeto descrita. A situação não seria diferente num dicionário de definição bilíngüe em que ambas as línguas pertencessem à mesma cultura e estivessem aproximadamente ao mesmo nível de desenvolvimento léxico (cf. sec. 1.62) — e.g., língua objeto-inglês, metalingua-francês. Considerem-se, porém, duas línguas como o alemão e o rético, a segunda das quais é menos desenvolvida (isto é, a grosso modo, tem menos palavras): os problemas de formular condições são muito diferentes para o *Dicziunari Rumansch Grischun* (língua objeto, rético, metalingua, alemão) do que seriam para um dicionário imaginário alemão-rético. Vale a pena indagar em que medida o grau absoluto de desenvolvimento lexical de uma língua, e, em dicionários de definição bilíngües, também o grau de desenvolvimento de uma língua relativa à outra, afetam a eficiência de uma língua como meio de formular definições. Um grau menor de desenvolvimento provavelmente ajuda a evitar a quebra não justificada de certas condições, mas também atrapalha certas quebras necessárias.

Finalmente, o conceito de continuidade e discontinuidade semânticas pode fornecer uma base para o estudo da densidade desigual de vocabulário dentro de uma língua ou entre línguas. Essa noção apareceu relacionada a "espectros" semânticos restritos e amplos, como por exemplo, quando se descobriu que as línguas eram lexicalmente ri-

cas em domínios associados a “temas” culturais (camelos árabes, neve esquimó, cortesia alemã medieval, pobreza iídiche). A riqueza poderia ser definida como um alto grau de continuidade semântica em seqüências de definições de especificidade relativamente alta (cf. sec. 2.2).

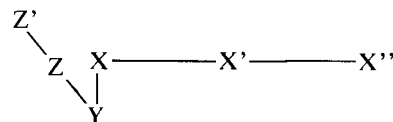
2.6. *Estrutura e Economia Lexicais.*

2.6.1. Na sec. 2.1. apresentamos as noções de sinônimo e condição como sendo interdependentes, uma vez que um sinônimo de X era chamado de termo definível quando uma das condições para X era alterada. Na sec. 2.5., mostramos, ao falar de descontinuidades semânticas, que sinônimo e condição, embora interrelacionados, não são fatores total e necessariamente dependentes um do outro em cada caso individual. Esse aspecto mais sutil pode ser agora levado adiante.

Vamos definir um conjunto sinonímico de primeiro grau como um conjunto de sinônimos que diferem numa única condição. Um par de antônimos seria um conjunto sinonímico de primeiro grau de dois membros. Conjuntos sinonímicos de maiores graus poderiam ser descritos do mesmo modo. Poderíamos, também, esquematizar as diversas e complicadas intersecções entre conjuntos sinonímicos. Por exemplo, dados os seguintes termos:

X 'c₁ e c₂ e c₃'
 X' 'c'₁ e c₂ e c₃'
 X'' 'c''₁ e c₂ e c₃'
 Y 'c₁ e c'₂ e c₃'
 Z 'c₁ e c'₂ e c'₃'
 Z' 'c'₁ e c'₂ e c'₃'

Podemos formular a intersecção dos conjuntos em três dimensões:



Seria, porém, útil ressaltar que a explicação de lexicografia desse modo pode ser proveitosa quando os elaboradores de dicionários aplicarem os mais severos padrões de economia verbal na formulação de definições. A proliferação de vocabulários de definição característica de muitos dicionários torna-os fontes inadequadas de material para a pesquisa lexicográfica crítica. Assim, se examinarmos a definição de END no Webster Collegiate: ‘a limit or boundary; esp., a limiting region or part... The extremity or conclusion of any event or series of events... The extreme or last purpose...’*, há poucas esperanças de se detectar a sinonímia de primeiro grau com BEGINNING ‘the commencement; the start... a point in space or time at which a thing begins...’** ou a sinonímia de primeiro grau, ou de grau um pouco mais alto entre END [FIM] e AFTER [DEPOIS DE], END [FIM] e (NOT) MORE [(NÃO) MAIS] etc.

A lexicografia convencional acredita aparentemente que a metalingua de definição deveria conter, pelo menos, a lingua objeto toda. Essa crença pode ser injustificada. Poderíamos, idealmente, almejar uma metalingua “absoluta” que fosse inteiramente

* N. do T. “um limite ou fronteira; esp. uma região ou parte limitadora...”

A extremidade ou conclusão de qualquer escrito ou série de eventos... A finalidade última ou extrema...”

** N. do T. “o começo; o início... um ponto no espaço ou tempo no qual uma coisa começa...”

independente da língua objeto, ou de qualquer língua natural. Mas, uma vez que esse ideal em semântica é ilusório (em contraste com a fonética), deveríamos procurar modos de tornar a metalingua menos rica, e não tão rica, ou mais rica do que a língua objeto.

Um modo de reduzir progressivamente a riqueza da metalingua de definição seria exigir que a definição de um termo X fosse formulada somente com palavras de frequência maior que a de X. Outra limitação, menos rigorosa mas talvez mais prática, seria verificar, por ensaio e erro, em que medida a metalingua pode ser economizada se se concordar em usar o menor número possível de palavras diferentes em definições, mas usar cada uma o mais frequentemente possível. A redução é semelhante à buscada na construção do Inglês Básico, embora essa tarefa puramente pragmática tenha produzido, paralelamente, pouca teoria. Não há motivo para se supor que as aproximadamente 800 palavras do Básico representem a metalingua mínima para definir o inglês; poder-se-ia quem sabe reduzi-lo para alguém dos limites do Básico através de fórmulas como, por exemplo, (y é o) FIM (de x) 'não há x depois de y'; (z) AJUDA (x a fazer y) 'x não pode fazer y sozinho, x pode fazer y com z'; (x está) CHEIO 'alguma coisa está dentro de x, nada mais pode estar em x' etc.

Pode até ser que quanto mais a metalingua for reduzida, mais frequente e mais complexa se torne a necessidade de se recorrer à definição ostensiva. Mas essas relações não foram investigadas, e assim o problema de otimização não pode ser seriamente formulado.

2.6.2. Se uma redução controlada da metalingua fosse realizável pelos caminhos aqui sugeridos, o vocabulário de uma língua poderia considerar-se constituído de estratos, do seguinte modo:

Estrato 0: termos definidos só circularmente e por definição ostensiva.

Estrato 1: termos cujas definições contêm somente termos do estrato 0, mas sem circularidade.

Estrato 2: termos cujas definições contêm termos do estrato 0 e do estrato 1, sem circularidade.

Estrato *n*: termos cujas definições contêm só termos dos estratos 0, 1, 2, ... *n*-1. Poder-se-ia então dizer que a língua de definição, assim estratificada, incluiria a língua objeto toda, exceto o vocabulário do estrato mais externo, *n*.

Esse esquema é provavelmente idealizado, uma vez que há pouca base para se supor que o vocabulário de uma língua natural produzirá estratos discretos — particularmente se a circularidade puder ser excluída de todos os estratos, menos o estrato 0. Mas o esquema tem realmente algo intuitivo e poderia ajudar a reconstruir a organização de um "thesaurus" como o de Roget. Sugere, ainda, um meio de se distinguir entre os elementos mais ou menos "básicos" de um vocabulário.

2.6.3. Vários modos alternativos de se fraccionar um vocabulário já foram sugeridos. Um deles aplicaria à língua natural a distinção lógica entre termos (descritivos) e operadores (lógicos). De fato, um processo de definição austero poderia reduzir algumas das conjunções do inglês a termos mais primitivos (UNLESS [a menos que], IF [se], e talvez mesmo AND [e] a 'not' [não], 'or' [ou]). Mas alguns termos ingleses conteriam, em suas definições, uma mistura de operadores e descritores (e.g. NEGATIVE 'resulting from the *no*-operation' [NEGATIVO 'resultante de uma não-operação], e o estrato 0, como definido acima, conteria, certamente, termos descritivos e também lógicos. Outra dicotomia é a que existe entre símbolos e índices (elemen-

tos dêiticos, “shifters”, “indicações egocêntricas”)*. Esses dois tipos de termos apresentam, de fato, mecanismos semióticos diferentes, mas, por outro lado, a separação entre eles não é sempre nítida (assim, os advérbios HOME [em casa ou para casa] ou ALONG [junto com] contêm um elemento de retro-referência ao sujeito da oração que pode ser “I” [eu]; além disso, seria difícil conceber-se um estrato central que consistisse tão-somente nas palavras índices básicas de uma língua.

2.6.4. Seria conveniente, a esta altura, considerar as definições de gênero-diferença. Um modo de transformar uma definição do tipo clássico numa forma canônica seria considerar o nome do gênero como c_1 , e.g.: BENCH ‘a seat which is long...’ [BANCO ‘um assento que é longo...’], como equivalente a

BANCO denota se (c_1) é um assento, (c_2) é longo, ... Nesse caso, ‘assento’ acrescenta informação de critério e, o que é mais, ASSENTO poderia, por sua vez, ser definido sem ‘banco’ como “denotatum” de amostra. Por outro lado, se definirmos o inglês AZURE como ‘azul celeste’, estamos usando um nome de gênero, ‘azul’, que é, ele próprio, definido ostensivamente em AZUL ‘a cor do céu, do mar profundo’ etc... Em outras palavras, alguns nomes de gênero são muito menos úteis como condições que outros. Expressões como ‘uma coisa que ...’, ‘pessoa que...’ etc. ajudam tão pouco a transformar em forma canônica as definições que as contêm que melhor seria deixá-las de lado.

É provável que línguas diferentes difiram quanto à “profundidade” em que as hierarquias de gêneros possam ser construídas. Em inglês, a economia da definição é diferente da de uma língua que não tenha nenhum termo correspondente à *qualidade*, e na qual COR não possa ser definida como “uma qualidade que...”

2.7. *Sintaxe da Metalingua de Definição*. Além do problema de vocabulário metalingüístico, podemos considerar a sintaxe da metalingua. A lexicografia convencional observa certas regras nesse campo. Por exemplo, os dicionários estão limitados pela restrição de que a definição deve ser um sintagma endocêntrico, sujeito às regras da sintaxe comum da língua-objeto, um sintagma funcionalmente equivalente ao termo definido. Assim, FLOW n. ‘act of flowing’, (to) FLOW v. ‘to move or circulate, as liquid...’, [Flutuação n. “ato de flutuar”, Flutuar v. “mover-se ou circular como um líquido...”] etc. Embora essa convenção possa conduzir à elegância, ela parece dever-se a uma pretensão à permutabilidade entre o termo e a sua definição, o que é absurdo para as línguas naturais.

No entanto, apesar da desnecessária pretensão de interpermutabilidade, os dicionários, inesperadamente, passam para uma metalingua diferente, e.g., NOT ‘an adverbial particle expressing negation’ (New Collegiate Webster) [NÃO ‘partícula adverbial exprimindo negação’], ou GOOD ‘a term of general or indefinite commendation’ (Shorter Oxford) [Bom “termo de apreciação geral ou indefinida”]. Uma abordagem crítica à lexicografia exige que determinemos se e em que ocasiões tais mudanças de metalingua são legítimas.

Uma conseqüência indesejável das limitações que os lexicógrafos impõem à sua metalingua é que termos relacionais são tratados como se fossem absolutos; num fraseado lógico, predicados que requerem mais de uma variável são tratados como predicados de um só lugar. Assim, a definição de BETWEEN [ENTRE] encontrada no *Webster Collegiate* não dá nenhuma indicação de que esse termo exige um objeto da forma x e y , ou, pelo menos, um substantivo plural; tampouco fica isso evidente no

* N. do T. O *Dictionnaire de Linguistique* (Larousse, 1973) traz um artigo sobre *embrayeurs* (*shifters*), embreadores, onde esse termo é definido como aquelas unidades do código que remetem necessariamente à mensagem e seu contexto para serem plenamente descodificadas tais como: *eu, papai, aqui* os tempos verbais etc.

fraseado da definição: 'in the space or interval which separates' ['no espaço ou intervalo que separa']. ('Separates' pode ter um único objeto). Na definição de END [FIM] a que nos referimos no fim da sec. 2.6.1., não há indicação da natureza relacional do termo (*end of...*) [fim de]. Algumas das economias frisadas neste trabalho poderiam ser alcançadas se se desse aos dicionários maior liberdade para mostrar a natureza relacional de muitos termos de uma língua, e.g., usando variáveis algébricas (x, Y, \dots) no termo e também na definição, como foi ilustrado para END [FIM], HELP [AJUDAR], FULL [CHEIO], na sec. 2.6.1.

2.8. *Uma Classificação de Definições.* Uma das discussões mais completas de definição em forma não técnica está contida numa monografia de Richard Robinson (*Definition*, Oxford, 2.^a impressão, 1954). Poderia ser útil concluir a presente análise por meio de uma comparação de seus resultados com os de Robinson. Consideremos os sete métodos de definição de "palavra-coisa" que Robinson delineou, colocando-os na estrutura do nosso modelo.

a) O Método de Sinônimos. Consiste em dizer "que a palavra definida significa o mesmo que alguma outra palavra..." Sinônimos perfeitos são, porém, raros em línguas naturais, especialmente na maioria não-hipertrofiada, e são um meio de descrição ineficiente e não-fidedigno. Por outro lado, o arrolamento linear de sinônimos não-perfeitos de um termo não limita efetivamente seu significado. Portanto, o método a), embora comum em dicionários elegantes, deveria ser descartado.

b) O Método de Análise e c) O Método de Síntese. Essa distinção não é suficientemente clara para ser aplicável a línguas naturais; mesmo em sua própria apresentação, Robinson sente que é necessário refutar uma visão semelhante, mas distinta (de C.I. Lewis) da mesma dicotomia. De acordo com a teoria de definição lexicográfica que nós esboçamos, a distinção entre o analítico e o sintético é, na melhor das hipóteses, uma questão de grau, visto que depende da espécie ou talvez da dificuldade das operações necessárias para se poder afirmar se as condições para denotação foram preenchidas ou não (ver sec. 2.4.). Talvez somente termos sabidamente não denotativos (e.g. CENTAUR [CENTAURO]) seriam a rigor analíticos, embora mesmo CENTAURO pudesse (verdadeiramente) denotar um animal imaginário da espécie pretendida.

d) O Método denotativo e e) O Método ostensivo. Eles são um só e o mesmo, exceto em que d) apresenta denotata de amostra descrevendo-os em palavras, ao passo que e) apresenta exemplos físicos.

f) O Método Implicativo (ou Contextual). Aqui, o termo e a definição são fundidos; não se pretende nenhuma equivalência ou permutabilidade; o termo é mostrado em uso, num contexto em que só esse termo pode ocorrer (por exemplo, DIAGONAL é "definido" pela oração: 'A square has two diagonals and each of them divides the square into two rightangled isosceles triangles' ["Um quadrado tem duas diagonais, e cada uma delas divide o quadrado em dois triângulos isósceles de ângulos retos"]). Parece, porém, que essa categoria é baseada só numa peculiaridade sintática superficial, desde que as definições implicativas podem ser transformadas em forma canônica: DIAGONAL 'that which a square has two of... etc.' ["aquilo de que um quadrado tem dois... etc."]

g) O Método Produtor de Regras. Exemplo: "a regra para a palavra "EU" é que cada falante deve empregá-la para indicar a si próprio. Como todas as definições são regras semânticas, é só uma questão de estilo de definição. Em nossa discussão, amenizamos o caráter de regra das definições ao omitirmos a expressão "denota se". Ela pode ser reformulada à vontade, em muitas variantes. Assim, a definição de BLUE [AZUL] pode-se dar a forma explícita de uma regra se dissermos: BLUE 'an adjective

applied to color such that.' (ou 'such as...') [AZUL "um adjetivo aplicado à cor, tal que..." ou "como..."]. Temos dúvidas de que g) seja uma subclasse útil de definição.

3. VALIDAÇÃO EMPÍRICA DE DESCRIÇÕES SEMÂNTICAS

Foi dito na sec. 1.3. que não há procedimento de descoberta para descrições semânticas *corretas*. Isso não equivale a dizer, no entanto, que não existam modos de se obter descrições *experimentais* dentre as quais a mais adequada possa ser selecionada ou sintetizada.

Um grupo de processos pode ser caracterizado como "extensional". Alguns escritores acreditam que, num processo "extensional", o descritor fica restrito a um papel de observador: ele observa as "coocorrências" de certos termos com determinados traços do contexto não-lingüístico. Mas, obviamente, isso pode fazer justiça só a um fragmento de uma língua; por exemplo, a situação que ocorre com NAPOLEÃO seria geralmente a de sala de aula, e não a situação particular da França por volta de 1800. Um processo extensional que envolvesse o descritor num papel mais ativo fa-lo-ia dar ao informante "denotata" experimentais de amostra; uma definição ostensiva seria escolhida a partir das aprovações ou desaprovações do informante. Talvez seja esse o meio pelo qual um modelo pseudobehaviorista, envolvendo "disposições para responder" (e.g. Quine, Morris), pudesse ser traduzido para testes behavioristas. Uma outra modificação do processo faria com que o descritor não só apresentasse exemplos físicos de "denotata", mas também descrevesse exemplos imaginários ao informante. Carnap acredita ser essa uma investigação intensional e não extensional, mas, de acordo com a nossa teoria, ela ainda lida com definições ostensivas.

Para aqueles que não estão satisfeitos com definições ostensivas — elas são insuficientes, de acordo com a teoria aqui desenvolvida — fica o problema de fazer derivar definições descritivas ("intensionais") de definições ostensivas. É aparentemente um fato biológico que seres humanos são capazes de fazer derivar definições intensionais a partir de fatos ("percepção dos universais"): não só lexicógrafos, mas todas as crianças o fazem, e o fazem bem. Parece, portanto, desperdício atribuir toda a carga do lexicógrafo, ou a qualquer outro descritivista semântico isolado. Por que não recorrer à ajuda de uma amostra de falantes da língua?

Gostaríamos de afirmar que a operação metalingüística de definir é um universal cultural. Quer dizer, todas as línguas fornecem um modo de perguntar: "O que é um X?" e em todas as culturas, pelo menos as crianças fazem uso desse artifício. Ao usá-lo, elas obtêm respostas significativas, algumas das quais são bem satisfatórias. Nós, portanto, acreditamos que é possível obter tentativas de definição de falantes ingênuos de qualquer língua.

Mas gostaríamos de fazer uma afirmação ainda mais arrojada: as definições que podem ser obtidas de informantes ao perguntar-se lhes na sua língua "O que é um X?" (i.e., obtidas a partir das respostas ao estímulo "O que é um X?") não são completamente fortuitas; pelo contrário, elas mostrarão um certo padrão recorrente para qualquer X, e é esse padrão que constitui a estrutura culturalmente compartilhada do significado de X. A reprodução desse padrão pode ser uma das tarefas do descritor semântico, embora devesse ser determinado de que modo o objetivo de tal reprodução pode ser acomodado a outros critérios para a adequação de descrições semânticas (cf. sec. 1.3.).

A filosofia da linguagem continua esbarrando no significado estruturado como um dado bruto. Frege e Peirce enfrentaram esse fato com relação a problemas lógico-modais e ele continua surgindo na literatura mais recente sob títulos que o citam indire-

tamente: “discurso oblíquo”, “opacidade de descrição” (Quine), “estrutura intensional” e “isomorfismo intensional” (Carnap). Os psicólogos demonstraram a existência de normas por meio de métodos não lexicográficos de descrição semântica (associações, diferencial semântico). Gostaríamos de supor que uma “definição popular” também manifestaria normas culturais, e essas seriam de particular interesse para um lexicógrafo preocupado com as bases empíricas da sua ciência.

Sob esse ponto de vista, a definição do lexicógrafo pode ser considerada como a hipótese de um homem ou de um grupo, que deve ser validada mostrando-se que ela é aceitável para os falantes da língua ou para um número representativo de falantes. A descrição de uma língua às vezes trata de idioletos, mas, em geral, ela tem aspirações mais altas — ela visa às características comuns a muitos idioletos. A lexicografia como disciplina descritiva (e não-normativa) deve também levar a sério o critério de interpessoalidade. Cada aspecto da produção do lexicógrafo pode e deveria ser submetido a testes de interpessoalidade: a escolha de termos a serem definidos (o que excluiria, ou pelo menos, separaria palavras raras e portanto amplamente sem sentido); a especificidade de definições (sec. 2.2.) e a determinação de critérios (sec. 2.3.) e a natureza (2.4.) de condições para denotação. Possivelmente, mesmo a estrutura de *sistemas* de definição (como discutido nas sec. 2.5. — 2.6.) pode, em parte, ser testada quanto à aceitabilidade.

Não seria difícil delinear um programa de pesquisa interdisciplinar prático para testar as sugestões acima apresentadas a fim de tornar a lexicografia mais científica do que ela tem sido até aqui.³

NOTAS

1. Daqui por diante, simbolizaremos o termo por letras maiúsculas a definição por meio de aspas simples e omitiremos as palavras “denota se”.
2. Para X’ devemos excluir uma expressão composta como “X EXCETO QUE NÃO c MAS c’”, que pode sempre ser formulada “ad hoc”. É essa possibilidade de formar tais expressões que faz das línguas os instrumentos semanticamente flexíveis que elas são.
3. Certas idéias contidas neste trabalho são mais desenvolvidas no meu artigo “On the Semantic Structure of Language”, in *Universals of Language* (ed. J.H. Greenberg), 2.^a ed., Cambridge, Mass., 1966, pp. 142-216.

POST-SCRIPTUM

Desde a publicação deste artigo, continuei a elaborar minhas idéias sobre definição lexicográfica. São de particular relevância para este assunto meus artigos: “Webster’s Third: A Critique of Its Semantics”, *IJAL* 30.405-409 (1964), e “Explorations in Semantic Theory”, in *Current Trends in Linguistics*, vol. III (ed. T.A. Sebeck), The Hague, 1966, 395-477. Nesse último artigo, exploro a possibilidade de se ligar a descon-tinuidade entre a língua objeto e a metalingua de definição que lingüistas modernos to-maram por empréstimo, à lógica simbólica, talvez sem justificação suficiente.

Sobre a questão de se validar empiricamente afirmações descritivas em semântica, eu gostaria de citar agora dois estudos que tratam, em parte, desse tópico. São o trabalho de Karl E. Zimmer *Affixal Negation In English and Other Languages: An Investi-gation of Restricted Productivity* (Suplemento de *Word*, vol. 20, n.º 2), N. York, 1964; e a obra de Edward H. Bendix: *Componential Analysis of General Vocabulary: The*

WEINREICH, U. — Definição lexicográfica em Semântica Descritiva. Trad. de Maria Cecília P. Barbosa Lima. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.):103-118, 1984.

Semantic Structure of a Set of Verbs in English, Hindi an Japanese, suplemento de *IJAL*, vol. 32, n.º 2, 1966.
(Janeiro de 1967)

WEINREICH, U. — Lexicographic definition in descriptive semantics. Trad. de Maria Cecília P. Barbosa Lima. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.):103-118, 1984.

ABSTRACT: Weinreich analyses several aspects of the definition of a word and the criteria to be adopted. A relevant issue is the metalanguage to be used when writing a dictionary and the correspondent methodology to define the "definiendum". One may utilize several strategies: the analytical, syntetic, denotative, ostensive, implicative or contextual methods. The chosen method will depend on the nature of the term to be defined: concrete referent, abstract notion, verbal action or process, grammatical instrument, etc. Synonyms and antonyms largely used in definitions are very important in Lexicography. The dictionary team must remember that definitions should be valid for the whole community to whom these definitions are addressed. Lexicographers should, therefore, use a language common to everyone and not their individual idiolect.

KEY-WORDS: Semantic description; lexicography; monolingual dictionary; thesaurus; meaning; definition; synonym; denotata; ostensive definition; lexicographic definition; metalanguage.
